

jornal da tarde

Publicado pela S A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveros S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação

Fernão L. Mesquita

Editor Chefe

Celso Kinjô

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto

Diretor Comercial

Orlando Marques

Diretor Agência Estado

Rodrigo L. Mesquita

O soft na visão dos amigos

Embora o presidente Fernando Collor tenha anunciado na Espanha que seu governo entrou numa fase **soft**, e o estilo e o temperamento do ministro Marcílio Marques Moreira apontem para mudanças nesse sentido no tratamento oficial com os agentes econômicos privados, ainda não foi arquivado de todo o discurso antiempresarial da gestão de Zélia Cardoso de Mello. O próprio presidente, ao anunciar a “nova linha” de seu governo, avisou que o estilo **soft** não vale para os “remarcadores”. Entretanto, os verdadeiros inimigos da política de combate à inflação não estão onde Collor aponta, mas nos arraiais do próprio governo.

É inegável que em alguns setores da economia houve uma corrida às máquinas de remarcar, tão logo se anunciou a demissão de d. Zélia. Não foi, porém, uma atitude generalizada. Mesmo porque, com a recessão provocada pela equipe anterior batendo feio agora nas atividades econômicas, não há muito clima para reajustes de preços.

Houve, até, muitos empresários que não quiseram aumentar seus preços nos níveis permitidos pelo governo, porque sabiam que, se aumentassem, não venderiam nada. A recessão, afinal, está produzindo os efeitos que a ex-ministra Zélia esperava.

Mas estes efeitos não chegam à área pública e aos políticos. Tão logo o sr. João Santana tomou posse no Ministério da Infra-Estrutura, começaram a cair em sua mesa pedidos de reajustes para os preços dos produtos e serviços das empresas estatais, na frente, a Petrobrás. Aqui as leis de mercado não funcionam. Donas de monopólios em atividades essenciais, elas podem impor seus preços, e ao consumidor só resta pagar, o que não acontece com as empresas privadas. As estatais nunca precisam se adaptar às fases de vacas

magras na economia, cortando custos, como o setor privado está sendo forçado a fazer no momento. Vivem do aumento de tarifas ou de injeções de dinheiro do Tesouro.

Outro foco de “amigos” da inflação está na classe política, no Congresso e nos governos estaduais. As comemorações pela saída do inflexível Alberto Policaro da presidência do Banco do Brasil e sua substituição **soft** pelo Lafayette Coutinho foram apenas uma pequena amostra do que a classe política situacionista espera da “nova linha”. Os líderes do PRN e do PDS na Câmara, dois partidos que oficialmente apóiam o governo, só aceitaram participar do almoço promovido pelo presidente Collor, ontem, no Palácio do Planalto, para apresentar-lhes a nova equipe econômica, depois que o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, garantiu que os partidos governistas agora receberão um melhor “tratamento” por parte do governo. O PFL e os governadores do Nordeste reivindicam atenção idêntica. Na convenção pefelista neste final de semana um dos principais temas foi, exatamente, a relação do partido com o governo, com muitas críticas e queixas. E os governadores nordestinos pretendem aproveitar uma cerimônia, hoje, em Brasília, para reavaliar o apoio que têm dado ao presidente. Eles estão irritados porque há cerca de um mês Collor anunciou verbas de Cr\$ 196 bilhões para a região e até agora ninguém viu a cor do dinheiro. Pragmático, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, define com perfeição a posição dos “aliados” do governo: “Alinhamento automático exige também atendimento automático”. Em outras palavras: é dando que se recebe e, se não aderir a essa filosofia, Collor irá enfrentar dificuldades no Congresso.

Com amigos desse tipo, o governo não precisa de adversários.